



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEL)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma “antropografia” (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

Refletindo sobre Love is... by Samuel Widmer

Autoria: Sílvia Aguiar Carneiro Martins (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Abordo nesse work a produção de um dos filmes etnográficos produzidos dentro de experiência de visitante acadêmica no Granada Centre for Visual Anthropology da Universidade de Manchester (2019-2020). É um filme realizado a partir de materiais de pesquisa de campo desenvolvida sobre uso ritual de ayahuasca em Alagoas. O contexto etnográfico investigado envolveu registros de dados audiovisuais em workshops realizados pelo psiquiatra suíço Samuel Widmer. Conduzi pesquisa de campo nesses settings no período de 2007 a 2015, que consistiam em encontros terapêuticos e espiritualistas. Nesses workshops, que aconteciam a cada dois anos, com duração de cinco dias, participantes suíços, alemães e brasileiros se reuniam em roda de ensinamentos (leituras de textos filosóficos, poesias, etc.), práticas de meditação e relaxamento (músicas, etc.) e experiências com psicoativos (?Santo Aloisios?, ?Santa Clara? e ayahuasca). Utilizando antropologia visual enquanto método em pesquisa de campo, descrevo aqui a experiência da realização do curta-metragem Love is... by Samuel Widmer (04?07?, 2020, disponível em:), cuja versão inicial não é autorizada para publicação devido às imagens de prática do nudismo. Considerando o filme etnográfico filme científico,



as duas versões filmicas consistem em formas de embodied representation (Ferrarini, 2017) no âmbito da antropologia sensorial. Enquanto forma de expressão de conhecimento etnográfico, caracterizam-se pela capacidade de tocar o coração (Biella, 1992), o que nos conduz implicitamente à classificação seguindo Bill Nichols (1988) de documentário poético. Cabe aqui interrogar e refletir acerca da articulação entre filme etnográfico sensorial, poético e observacional

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: